



## A TEOLOGIA NA UNIVERSIDADE – SABER E PRESENÇA EM DIÁLOGO

(Theology at the University - Knowledge and Presence in Dialogue)

*José Ulisses Leva\**

Doutor em História Eclesiástica pela Universidade Gregoriana de Roma

E-mail: [juleva@pucsp.br](mailto:juleva@pucsp.br)

### RESUMO:

Este artigo *A Teologia na Universidade: Saber e presença em diálogo* quer ser um itinerário para a compreensão do papel da Teologia e para a manutenção do diálogo eficiente com a sociedade em que vivemos e estamos inseridos. É motivo de alegria e esperança a PUC na cidade de São Paulo. À luz da Sagrada Escritura, do Magistério da Igreja e da Tradição Apostólica, e inserida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção assegura o firme diálogo com o mundo. Em sintonia com a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, a Teologia presta um seguro serviço à sociedade. Competente no seu saber, a Teologia contribui com a universidade. Seja um tempo favorável de parceira de saberes para o bem comum.

**Palavras-chave:** Universidade; Teologia; Diálogo.

### ABSTRACT:

This article *Theology at the University* wants to be an itinerary for the understanding the role of Theology and for maintaining the efficient dialogue with the society in which we live and we are in. It is a reason for joy and hope having PUC in São Paulo. Under the light of the Scripture, the Magisterium of the Church and the Apostolic Tradition and inserted into the Pontifical Catholic University of São Paulo, the Faculty of Theology Nossa Senhora da Assunção ensures the firm dialogue with the world. In tune with the Church Unique, Holy, Catholic and Apostolic, Theology provides a secure service to society. Competent in its knowledge, the Theology contributes with the university. It is a favorable time to partnership of knowledge for the common good.

**Keywords:** University; Theology; Dialogue.



## INTRODUÇÃO

Qual o papel da PUC de São Paulo na nossa cosmopolita cidade? Qual o papel da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção na PUC de São Paulo? Qual a voz da Teologia na pluralidade de vozes na imensa megalópole de todas as gentes?

A Teologia encontra respostas ao homem e mulher do nosso tempo? Juntamente com os vários saberes e em diálogo permanente com a sociedade, ela procura, em meio às angústias e aflições do mundo contemporâneo, ser um lenitivo às muitas incertezas? A Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção inserida na PUC de São Paulo assegura o firme diálogo com o mundo? A Faculdade de Teologia está atenta à voz de Deus? A Faculdade está em sintonia com a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica? As orientações do papa Francisco estão chegando ao coração da Universidade através dos professores de Teologia? A Teologia está aberta aos pronunciamentos do Grão-Chanceler e Cardeal Arcebispo Metropolitano de São Paulo, dom Odilo Pedro Scherer? Está cumprindo seu papel e dialogando com a sociedade?

O artigo *A Teologia na Universidade: Saber e Presença em Diálogo* apresenta a importância da Universidade, instituição criada no Século XIII, e a presença da Teologia no mundo universitário nascente no Período Medieval. Postula, também, o papel do Magistério da Igreja ao longo do tempo e, principalmente, à luz dos documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Mostra o início do pontificado de Francisco e suas declarações que estão norteando a Igreja no mundo. Averigua a presença da Diocese na Sociedade Paulista no século XIX, com a construção do Seminário Diocesano e seu itinerário na formação dos padres na Igreja em São Paulo. Por fim, analisa e pontua a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção inserida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.<sup>1</sup>

Categoricamente, posso afirmar que a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção está contribuindo com a Universidade.<sup>2</sup> As admoestações do Cardeal, dom Odilo Pedro Scherer, foram de fundamental importância quando da inserção da Teologia na Universidade. Foi valiosíssima a presença dos Professores da PUC/SP, Dr. João Décio Passos e Dr. Afonso Maria Ligorio Soares, no retorno da Teologia à universidade, em 2009. Tanto o Eminentíssimo Cardeal quanto os professores mencionados motivaram nossa presença e nos prepararam para nossa efetivação no meio estudantil e universitário. Seja um tempo de parceria entre saberes para o bem comum.

### 1. UNIVERSIDADE

Na elaboração deste artigo, fiquei consternado com a morte do historiador francês Jacques Le Goff, ocorrida no dia 1º de abril de 2014, aos 90 anos de idade. Sylvia Colombo, da Folha de São Paulo, o menciona no seu artigo: “Era defensor da ideia de



que considerar o período que vai do século IV ao XIV como ‘Idade Média’ era depreciativo e sugeria que a época teria sido um período de trevas. Em sua visão, havia sido um tempo de renovação intelectual no período, refletindo num novo modo de os ocidentais se relacionarem com a religião [...]”. A articulista da Folha de São Paulo também afirmava que o historiador foi um dos mais influentes intelectuais do século 20. A Escola dos Annales influenciou as gerações de historiadores que foram formadas à luz de suas ideias. Para além da chamada História positivista, vinculada à enumeração de datas, a biografias de homens notáveis e à predominância do relato de vencedores, os integrantes dos Annales se interessavam em aprender fenômenos de longa duração. Para compreender a Universidade no século XIII, é fundamental conhecer o Período Medieval. Sem dúvida alguma, o historiador Jacques Le Goff é imprescindível para maturar nossos conhecimentos e posicionamentos sobre esse período da História. Ainda dizia Sylvia Colombo: “A isso se referiam tratar das transformações das mentalidades, ou seja, do imaginário dos homens através da História. De um ponto de vista prático, isso significou integrar instrumentos e documentos relacionados à Antropologia, Arqueologia e outras Ciências Sociais”.<sup>3</sup>

A Igreja no século XIII motivou o saber e fez nascer nos mosteiros e residências episcopais a organização do que hoje chamamos de Universidade. Tempos marcados por mudanças: ao lado das inúmeras faces do Período Medieval da História, a Universidade pulsava como o encontro dos saberes que ajudavam a sociedade europeia a nortear e impulsionar caminhos para as ciências.

A universidade nasceu como associação livre dedicada ao saber, no conjunto de outras associações que foram organizadas no século XIII: as *universitates*. Ela agregou estudantes de várias procedências socioculturais, na busca de autonomia de investigação e de aquisição de conhecimento. Seu contexto social são as cidades livres emergentes, e sua regra de organização, a participação de todos os sujeitos que compunham a corporação. As primeiras universidades lançaram os germes da livre investigação e construíram o edifício metodológico e político das academias atuais [...].<sup>4</sup>

A Teologia fazia parte da gênese da Universidade. Ao lado do Direito, da Medicina e das Artes, a Teologia marcava sua presença com os jovens da época, ávidos pelo conhecimento e pelas transformações do meio em que habitavam.

Com o tempo, a teologia produzida pelas *universitates* – escolástica – vai conquistando uma hegemonia na reflexão teológica até ser adotada como o paradigma teológico oficial do magistério da Igreja [...]. A chamada racionalidade moderna, curiosamente iniciada dentro das universidades, vai trilhar um caminho paralelo à teologia, esta identificada sempre mais com a Igreja e com o clero e, muitas vezes, aquela estará fora das universidades, sobretudo no caso das ciências [...].<sup>5</sup>

É fundamental pensar a Universidade como um todo. Isso significa dizer que todos os saberes são importantes e necessários, ou seja, Ciências Humanas e Ciências Técnicas



se completam. Separadamente estudadas e ministradas, elas esfacelam o conhecimento humano.

A separação entre as humanidades e as tecnociências vai configurar uma dupla racionalidade, separando, em última instância, o saber útil do inútil, sendo que para o funcionamento da máquina moderna a prevalência das várias tecnologias sobre as humanidades será indiscutível. Acredita-se que o mundo novo virá, indubitavelmente, pelos avanços tecnocientíficos e não das humanidades, que dirá das velhas humanidades protagonizadas pela filosofia e pela teologia.<sup>6</sup>

O século XIII serve como referência ao apresentar a Universidade como unidade dos saberes. O campus da Universidade é como o mundo plural e todos os saberes em conjunto facilitam a compreensão dos enigmas para melhor traduzi-los e buscar soluções. A Teologia se apresenta e propõe sua colaboração para o bem comum.

De sua parte, a teologia ocupa-se da própria ciência, sem idealizações sapienciais que venham elevar ingenuamente a razão humana como capaz de conhecer a verdade e sem condenações apocalípticas que condenem a mesma como provocadora da perdição total. A ciência é um ato de capacidade, liberdade e responsabilidade humana. A razão é um projeto ético que pode produzir o bem e o mal para a humanidade. A racionalidade teológica, em nome de sua fonte última que promete salvação e felicidade para todas as criaturas, afirma que as ciências são meios e não fins em si mesmas; alcançam as explicações sobre seus objetos particulares, jamais a verdade definitiva e total.<sup>7</sup>

## 2. MAGISTÉRIO DA IGREJA

O desenvolvimento do Magistério da Igreja se encontra à luz da Palavra Revelada. Jesus Cristo proclamou o Reino de Deus, escolheu Doze Apóstolos (cf Mc 3, 13-19) e conferiu a Pedro (cf Mt 16, 18-19) a incumbência para que apascentasse e conduzisse as ovelhas (Jo 21, 15-17)<sup>8</sup>. Jesus Cristo advertiu o colegiado privilegiado ao exortar a mãe dos filhos de Zebedeu (Mt 20,20-23). Jesus Cristo advertiu Pedro para não se deixar levar por um colegiado humano que priorizava a Teologia sem Deus (cf Mt 17,23 ). Não somos de Cefas, Paulo ou Apolo (1 Cor 3, 21-23 ), mas seguidores de Jesus Cristo. Sendo assim, sem Jesus Cristo, não haveria a Igreja e nem mesmo poderíamos supor seu Magistério. No Concílio de Jerusalém, a voz de Paulo se diferenciava da de Pedro: no entanto, sem o consenso, esta reunião poderia resultar em duas eclesiologias antagônicas na Igreja nascente. Porém, a luz do Espírito Santo e o olhar colegiado dos Apóstolos prevaleceram à palavra de Paulo e, sob o Magistério Petrino, confirmava-se a aceitação em Jesus Cristo, sem passar necessariamente pela circuncisão.

Os Padres Conciliares, reunidos no Concílio Ecumênico Vaticano II, entre 1962 e 1965, assim definiram o papel do Magistério da Igreja:



Este sagrado Concílio, seguindo os passos do Concílio Vaticano I, com ele ensina e declara que Jesus Cristo, pastor eterno, edificou a Igreja tendo enviado os Apóstolos como Ele fora enviado pelo Pai (cf. Jo 20,21); e quis que os sucessores deles, os Bispos, fossem pastores na Sua Igreja até ao fim dos tempos. Mas, para que o mesmo episcopado fosse uno e indiviso, colocou o bem-aventurado Pedro à frente dos outros Apóstolos e nele instituiu o princípio e fundamento perpétuo e visível da unidade de fé e comunhão. Este sagrado Concílio propõe de novo, para ser firmemente acreditada por todos os fiéis, esta doutrina sobre a instituição perpétua, alcance e natureza do sagrado primado do Pontífice romano e do seu magistério infalível, e, prosseguindo a matéria começada, pretende declarar e manifestar a todos a doutrina sobre os Bispos, sucessores dos Apóstolos, que, com o sucessor de Pedro, vigário de Cristo (38) e cabeça visível de toda a Igreja, governam a casa de Deus vivo.<sup>9</sup>

Encontramos nos Documentos Eclesiais informações precisas sobre o Magistério e o papel da Teologia na Igreja:

Os Bispos, quando ensinam em comunhão com o Romano Pontífice, devem ser respeitados por todos como testemunhas da verdade divina e católica. Devem os fiéis acatar uma sentença sobre fé e moral proferida por seu bispo em nome de Cristo, e devem ater-se a ela com religioso obséquio do espírito. Esta religiosa submissão da vontade e da inteligência deve, de modo particular, ser prestada com relação ao autêntico Magistério do Romano Pontífice, mesmo quando não fala ‘ex cathedra’.<sup>10</sup>

O Magistério da Igreja nos indica precisamente o papel e os fundamentos do teólogo e sua missão de ensinar, inspirado sempre nas Sagradas Escrituras e na Tradição Apostólica:

Entre as vocações suscitadas na Igreja pelo Espírito, distingue-se a do teólogo, que de modo particular tem a função de adquirir, em comunhão com o Magistério, uma compreensão sempre mais profunda da Palavra de Deus, contida na Escritura inspirada e transmitida pela Tradição viva da Igreja.<sup>11</sup>

Ainda mais o Magistério da Igreja insiste no papel do teólogo e sua postura como articular da fé à luz das Sagradas Escrituras:

Visto que o objeto da teologia é a Verdade, o Deus vivo e o seu desígnio de salvação revelado em Jesus Cristo, o teólogo é chamado a intensificar a sua vida de fé e a unir sempre pesquisa científica e oração.<sup>12</sup> “O Magistério vivo da Igreja e a teologia, mesmo tendo dons e funções diferentes, tem em última análise o mesmo fim: conservar o povo de Deus na verdade que liberta, fazendo dele, a ‘luz das nações’. Este serviço à comunidade eclesial põe em relação recíproca o teólogo com o Magistério. Este último ensina autenticamente a doutrina dos apóstolos, e beneficiando-se do trabalho teológico, refuta as objeções e as deformações da fé, propondo, além disso, com autoridade recebida de Jesus Cristo, novos aprofundamentos, explicitações e aplicações da doutrina revelada. A teologia, por sua vez,



adquire, reflexivamente, uma compreensão sempre mais profunda da Palavra de Deus, contida na Sagrada Escritura e transmitida fielmente pela tradição viva da Igreja sob a guia do Magistério, procurando esclarecer o ensinamento da revelação diante da razão, e enfim lhe conferindo uma forma orgânica e sistemática.<sup>13</sup>

A Teologia, inserida na Universidade e em sintonia com o Magistério da Igreja, terá valiosíssima contribuição tanto para a Igreja quanto para a sociedade. Somando colegialidade e unidade na diversidade, e evitando lobbies desagregadores, o saber teológico será de muito proveito para o mundo contemporâneo. É verdadeira a premissa da suposta ausência de Deus na sociedade? Por que esta ausência se dá? Como teólogos, nós falamos e pensamos a partir dos conceitos de Deus? A ausência de Deus se dá quando nos omitimos ou nos fechamos. Os créditos teológicos lecionados na Universidade querem ser um diálogo com o mundo contemporâneo, justamente porque, no mundo plural em que vivemos, muitos querem dialogar; afinal, todos nós queremos ouvir e ser ouvidos, queremos propor e receber propostas. A Teologia deve continuamente prestar o serviço da unidade à luz do Magistério da Igreja, numa relação dialogante com a sociedade, de forma a contribuir eficazmente com o bem comum.

A Teologia deve estar em sintonia com o Magistério da Igreja e inserida na Universidade, pois, uma vez que isso acontece, propõe e promove o diálogo permanente com o homem e mulher contemporâneos. A Teologia, ao conhecer o seu papel e seu lugar, desempenha um bem à sociedade e, em relação permanente com os outros saberes, promove um desenvolvimento teológico seguro dos valores evangélicos. A Teologia pesquisa e publica constantemente, disseminando o seu saber à luz da Palavra Revelada, da Tradição Apostólica e do Magistério da Igreja, assim como nos ensina o Concílio Ecumênico Vaticano II.

### 3. PONTIFICADO DE FRANCISCO

Como identificar o Magistério da Igreja e o Papa Francisco? Diante do anúncio de um argentino para o trono de Pedro, ficamos entusiasmados! O cardeal Jorge Bergoglio dizia que foram buscar um papa no fim do mundo. Admiravelmente, ficamos felizes quando percebemos que se tratava de um jesuíta. Desde o Papa Gregório XVI, da Ordem dos Camaldulenses, não tínhamos um religioso como Pontífice da Igreja. Surpreendentemente, lembrávamos, quando da sua eleição, em 13 de março de 2013, que em 21 de julho de 1773, portanto há 240 anos, a Companhia de Jesus era suprimida da Igreja pelo franciscano Clemente XIV. Diante de tantos porquês, o jesuíta Bergoglio assumiu o nome de Francisco. Notadamente, em 07 de agosto de 1814, há exatos 200 anos, a Companhia foi restabelecida pelo papa Pio VII. Fica-me uma primeira impressão de Francisco quanto a renovar a Igreja sem resquícios ou mágoas históricas. Nada foi dito sobre a supressão ou a restauração da Companhia de Jesus, pois, afinal de contas, o Papa quer dimensionar a Igreja no mundo. Quanto ao nome Francisco, logo se percebeu que ele quer tornar a Igreja rica das misericórdias à luz do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e a exemplo do pobre de Assis.



Evidentemente, o papa está dando menos atenção a alguns *ismos* que diminuem a grandeza do ministério, para ganhar tempo em produzir a Teologia que sustenta a autêntica interpretação das Sagradas Escrituras em nossas vidas. O Magistério da Igreja, na pessoa do papa Francisco, propõe questionamentos atuais aos homens e mulheres do nosso tempo. Quando de sua presença na Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, em julho de 2013, e ao direcionar o seu discurso aos bispos latino-americanos, ele apresentou um diálogo com o mundo atual ligado às questões existenciais do homem de hoje.<sup>14</sup> Com que olhar, dizia o papa, vamos ver a realidade? “Com o olhar de discípulos”.<sup>15</sup> Significa dizer que o Magistério da Igreja está olhando o mundo de maneira dialogante e aprendendo com as pessoas. Vale dizer que a Igreja está inserida no mundo e, simultaneamente, comunica ao mundo os valores do Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo. Ao apresentar-se ao mundo e com ele dialogar entre dores e angústias, esperanças e alegrias, o papa Francisco não está poupando esforços em mostrar qual é o eixo norteador nos seus discursos. Sua alegria é apresentar Jesus Cristo e o seu evangelho. Cabem bem as palavras do papa Francisco falando ao episcopado brasileiro sobre colegialidade e solidariedade, não unanimidade, mas a verdadeira unidade na riqueza da diversidade.<sup>16</sup>

Francisco, no primeiro ano do seu pontificado, resgatou duas palavras valiosíssimas para apresentar a compreensão que tem de Igreja: “colegialidade” e “misericórdia” remontam ao Concílio Ecumênico Vaticano II e ao itinerário do seu Magistério. Uma das suas iniciativas foi apresentar a visibilidade da Igreja ao convocar um conselho constituído de nove cardeais, a saber: Oscar Rodriguez Maradiaga, Guisepppe Bertello, Francisco Errazuriz Ossa, Oswald Gracias, Reinhard Marx, Laurent Monsengwo Pasinya, Sean O’Malley, George Pell e o secretário de Estado do Vaticano, Pietro Parolin. Numa mostra da universalidade da Igreja, há representantes dos vários continentes, para tratar das inúmeras questões apresentadas e que anseiam por respostas satisfatórias. Bergolio reconhece a importância do continente europeu para o desenvolvimento e o crescimento do cristianismo, porém quer alargar a presença de membros de outras partes do mundo, além dos europeus, no governo da Igreja. Fique-se bem claro, no entanto, que Francisco não está a manifestar a centralização da Igreja em determinado continente, isto é, ele não propõe o Ásia-centrismo, nem o África-centrismo e nem mesmo o América-centrismo: a centralidade de sua mensagem está inteiramente em Jesus Cristo, seu Evangelho e o anúncio do Reino de Deus. Nesse sentido, Francisco pretende mirar no Evangelho de Jesus Cristo os valores essenciais da sua mensagem e apresentá-lo aos homens e mulheres do nosso tempo.

O Papa Francisco tem mostrado nos seus pronunciamentos a unicidade da Igreja governada a partir da colegialidade. Tem demonstrado uma atenção nova em relação ao carreirismo, ao centralismo e ao curialismo. Aos bispos e padres, o papa clama para que sejam pastores e estejam próximos dos fiéis, animando-os e encorajando-os. Procura indicar um olhar desinteressado pelo fetiche do poder e pelas possíveis anomalias do ministério, usando da misericórdia para entender os problemas do outro e utilizando da



generosidade para ouvir angústias e dores do homem contemporâneo. Atento às diferenças epistemológicas, não critica nem condena, todavia exorta com grandiosidade os quantos enigmas do nosso tempo. Apresenta à Igreja e à sociedade a imagem do Bom Pastor (cf. Jo 10,10).

Francisco tem se mostrado contrário a grupos e *lobbies*. Ao trabalhar somente com a mesmice dos grupos afins, corre-se o risco do empobrecimento humano e religioso. Ao pesquisar-se à luz da mesma episteme, concorre-se para a fraqueza intelectual das nossas proposições. Precisamos ser firmes nos propósitos que acreditamos, porém buscar sempre o equilíbrio na totalidade. No Semanário da Arquidiocese “O São Paulo”, na coluna “Palavra do Papa”, o articulista apresentou o tema “Não à murmuração, ao ciúmes e à inveja”, falando a respeito da catequese do Papa Francisco que antecede o Regina Coeli: “...os problemas da Igreja não são resolvidos com ‘falatórios’ e ‘lamentações’, mas sim, com diálogo e oração”. Ainda no mesmo artigo lemos: “Com certeza os falatórios, as invejas, e os ciúmes não poderão jamais nos conduzir à concórdia, à harmonia ou à paz”.<sup>17</sup>

O exemplo e as palavras do papa Francisco servem de luz para o exercício do magistério que nós, professores, exercemos na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, na PUC/SP. Antes de apontar, precisamos vivenciar: o empobrecimento dos grupos e a fraqueza dos *lobbies* devem dar lugar ao respeito ao diferente e à importância de cada um ser visto como pessoa para o crescimento e a eficácia da Teologia. Seremos reconhecidos quando respeitarmos e reconhecermos nossos pares e, procurarmos, juntos, ser formadores de opinião da autêntica, segura e salutar Teologia, sustentada à luz das Sagradas Escrituras, do Magistério da Igreja e da reta Tradição Apostólica.

## 4. FORMAÇÃO TEOLÓGICA EM SÃO PAULO

Entre o final do Império e o início da República, os tempos foram marcados por mudanças no Brasil. A sociedade procurava seus limites e a Igreja delineava-se nesse mesmo tempo e espaço. Quando estamos em posições diferenciadas, um e outro são vistos como inimigos; porém, quando nos conhecemos, podemos, sem perder nossa identidade, dialogar para o bem comum.

Desde 1856, com a construção do Seminário Diocesano por dom Antônio Joaquim de Mello, a Teologia ganhou espaço na formação dos novos padres na Igreja paulista. Sistemática e paulatinamente, o saber teológico na Igreja Paulopolitana foi sendo estudado como ciência e reconhecido como parte integrante da sociedade na formação da opinião pública.

Num artigo de 2004 da doutoranda em Ciência da Religião, Patrícia C.M. Martins<sup>18</sup>, ela se posiciona sobre a formação dos novos padres em São Paulo por ocasião da inauguração do Seminário:





O Seminário Episcopal Paulista foi a primeira instituição de ensino para padres da Província. Sua estrutura interna está submetida ao catolicismo que se organizava no mundo moderno ante a ascensão de uma nova ordem política que emergia na Europa e se expandia para outros territórios, como o Brasil, que também desencadeava alterações no cenário político [...] Todavia, a criação desse Seminário atendia às necessidades, tanto da hierarquia católica europeia, defensora do ultramontanismo, como das alas conservadoras da Coroa imperial [...].<sup>19</sup>

Em 2012, escrevi um artigo para a Revista de Cultura Teológica e apresentei o pluralismo na sociedade brasileira no século XIX e o posicionamento da Igreja em São Paulo, especificamente tratando da relação entre as ideias antagônicas provenientes da Faculdade de Direito e do Seminário episcopal:<sup>20</sup>

O cenário do Brasil, no princípio do século XIX, pontuava o devir. A Igreja, ainda atrelada ao Padroado, não podia proferir seus pensamentos. A Igreja Católica, no Brasil-Colônia e Brasil-Império, era propriedade do Estado. Nesse período não havia consonância com Roma. A Santa Sé somente sancionava o que dizia o governo português e posteriormente o Imperador. Somente em 1827 surgem as primeiras Faculdades. Uma foi instalada em Olinda, na Província de Pernambuco, e a outra na cidade de São Paulo. Houve uma disputa aberta entre as ideias liberais provenientes desta Instituição e os padres capuchinhos de Saboia, que ministravam o Seminário desde o início de sua fundação.<sup>21</sup>

Estreitando ainda mais os laços da Igreja no Brasil com o Santo Padre, nos primórdios do século XX ganhamos um Colégio para a formação de novos padres no coração da Cidade Eterna: o Colégio Pio Brasileiro foi instalado em 1934, em Roma, no papado de Pio XI. Este acontecimento histórico deveu-se ao cardeal paulista, dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, que pastoreou a Arquidiocese do Rio de Janeiro entre 1930 e 1942. Há mais de 80 anos, o Colégio Pio Brasileiro marca profundamente a formação teológica de muitos padres que por lá passaram e ainda contribuem com pesquisas e dialogam com os demais saberes que compõem a sociedade. Eu mesmo tive o privilégio de estudar História Eclesiástica em Roma, na Pontifícia Universidade Gregoriana, entre 1998 e 2001, e morei no Colégio Pio Brasileiro. Foi um tempo de profundo aprimoramento nos estudos da História Eclesiástica e uma empolgante convivência com o plural da Igreja no Brasil.

A PUC de São Paulo teve o seu início em 1946 e a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção foi criada em 1949. Ambas projetaram São Paulo tanto para o mundo juvenil e universitário quanto ao saber e ao sabor teológicos. Desde 2009, a Teologia pulsa de dentro da Universidade, proporcionando vida e um novo sabor teológico que prima pelo respeito e pelo diálogo.

Cada Igreja particular, porção da Igreja Católica sob a guia do seu Bispo, está, também ela, chamada à conversão missionária. Ela é o sujeito primário



da evangelização, enquanto é a manifestação concreta da única Igreja, num lugar da terra e, nela está verdadeiramente presente e opera a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica. É a Igreja encarnada num espaço concreto, dotada de todos os meios de salvação dados por Cristo, mas com um rosto local [...] ou para os novos âmbitos socioculturais [...].<sup>22</sup>

Desde sempre, o Grão-Chanceler e Cardeal Arcebispo de São Paulo, dom Odilo Pedro Scherer, tem demonstrado afinco para com a PUC. Ele tem visto a Universidade como um espaço concreto de apresentação dos valores do Reino de Deus, anunciados por Jesus Cristo a sua Igreja e a todos quantos se relacionam com ela. Precisamos sempre de conversão pastoral e metodológica para presenciarmos Deus entre os jovens universitários.

## 5. TEOLOGIA NA PUC/SP

Desde o seu nascimento em meados da década de 1940, a universidade presta serviços relevantes à Igreja presente em São Paulo e à sociedade. Desde dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, dom Agnelo Rossi, dom Paulo Evaristo Arns, dom Claudio Hummes até nossos dias com dom Odilo Pedro Scherer, a PUC/SP auxilia no pensamento da Igreja.

Hoje, efetivamente, fazemos parte da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. De fato, o ano de 2009 marcou nosso ingresso como Faculdade de Teologia na Pontifícia Universidade Católica e mostrou habilidades e competências no exercício do nosso Magistério. “A ciência teológica que, respondendo ao convite da verdade, busca a inteligência da fé, auxiliar o povo de Deus, de acordo com o mandamento do apóstolo (cf. 1 Pd 3, 15), a dar razão da própria esperança, àqueles que a pedem.”<sup>23</sup> Estamos inseridos na PUC/SP pesquisando, produzindo e colaborando com a sociedade.

A teologia oferece, portanto, a sua contribuição para que a fé se torne comunicável, e a inteligência daqueles que não conhecem a Cristo possa procurá-la e encontrá-la. A teologia, que obedece ao impulso da verdade que tende a comunicar-se, nasce também do amor e do seu dinamismo: no até de fé, o homem conhece a bondade de Deus e começa a amá-lo, mas o amor deseja conhecer sempre melhor aquele a quem ama.<sup>24</sup>

Encontramos ainda no documento da Igreja em relação ao papel do teólogo: “No decorrer dos séculos, a teologia constitui-se progressivamente em verdadeiro e próprio saber científico. É, portanto, necessário que o teólogo esteja atento às exigências epistemológicas da sua disciplina, às exigências do rigor crítico, e conseqüentemente à verificação racional de todas as etapas da sua pesquisa.”<sup>25</sup>

Fundamentalmente, o Grão-Chanceler, o Cardeal dom Odilo Pedro Scherer, nos encoraja para sermos protagonistas e formadores de opinião; nos incentiva a uma presença contínua e marcante nos campi da universidade e nos conclama às continuadas pesquisas para o bem da Igreja e da sociedade hodierna. dom Odilo lembrou nas



festividades, por ocasião dos 67 anos da PUC, que é fundamental que a comunidade *puquiiana* faça a experiência da Universidade.<sup>26</sup>

Lembrando também o Prof. Dr. Antonio Manzatto, quando da inserção da Faculdade de Teologia na PUC de São Paulo, em 2009:

Somos a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Incansavelmente, o Prof. Dr. Antonio Manzatto, Diretor entre 2002 e 2009, nos fez entender o passo importantíssimo que estávamos dando quando iniciávamos nossa presença na Universidade. Solicitava que maturássemos nossos conhecimentos e nos lançássemos integralmente a serviço como teólogos e teólogas no exercício de nossas aptidões. Evidentemente cada um a seu modo e seu a tempo formamos o Corpo Docente.<sup>27</sup>

A Teologia está na Universidade. Isso significa afirmar que não trabalhamos em paralelo como se a Universidade estivesse num lugar e nós, teólogos, ocupássemos outro. A Teologia é um saber em diálogo com os demais saberes que compõem a Universidade. O Magistério da Teologia produz a luz do seu saber específico e contribui para o bem da sociedade. Vivendo no mundo e inseridos na Universidade, a Teologia deve responder a qualquer tema proposto e dialogar com todas as pessoas. Nos Campi Ipiranga e Santana, a Faculdade Teologia produz os ensaios teológicos e protagoniza o diálogo com a sociedade em transformação. Nos demais Campi da Universidade, nós, professores de Teologia da PUC/SP, estamos presentes com as demais Faculdades, lecionando disciplinas referentes aos créditos teológicos. No exercício do magistério, percebemos a posição clara dos alunos das demais Faculdades em relação aos seus estudos e conhecimentos. A Universidade é composta pela pluralidade das ideias e na diversidade de opiniões. Em suma, para um maduro e seguro diálogo, necessitamos respeitar o outro. Incansavelmente, os coordenadores dos créditos teológicos insistem na parceria de saberes.

Há um olhar encorajador e carinhoso para com os alunos da PUC/SP que cursam a Faculdade de Teologia e estão sendo formados e preparados para o hoje. Sugiro que aproveitem ao máximo o ambiente universitário e dialoguem com o mundo. Conhecedores do saber teológico, sejam protagonistas do mundo sequioso do conhecimento de Deus. Lecionando as disciplinas dos créditos teológicos com alunos das diversas epistemes, posso assegurar que Deus não está nem morto nem ausente de suas consciências. Ao contrário, apresentando a Teologia com leveza e carinho, os alunos se sentem desejosos do conhecimento acerca dos valores humanos e do aprofundamento das relações de Deus com a humanidade.

## CONCLUSÃO

Na cosmopolita São Paulo do século XXI, é fundamental ouvir, na pluralidade, o turbilhão de gente e o alarido de muitas vozes. É imprescindível, também, ouvir a voz



da Teologia, assegurada pelo Magistério da Igreja e orientada pelo Grão-Chanceler da PUC e Cardeal Arcebispo de São Paulo, dom Odilo Pedro Scherer. É nobre que as pessoas e grupos manifestem seus pensamentos. Afinal de contas, somos diferentes uns dos outros e expressamos distintamente nossos pontos de vista. A Teologia tem de escutar atentamente as vozes e também tem muito a dizer à nossa sociedade hodierna. É salutar que a Teologia manifeste destemidamente sua opinião: “Assim fala o Senhor: ‘Dei esta ordem ao povo, dizendo: Ouvi a minha voz, assim serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo; e segui adiante por todo o caminho que eu vos indicar para serdes felizes” (Jr 7, 23).

O presente artigo *A Teologia na Universidade: Saber e presença em diálogo* traçou um itinerário e uma proposta objetiva, quando mostrou a Teologia nascendo no turbilhão de informações do século XIII e se apresentou como um saber em meio aos demais saberes de época. Inserida na sociedade medieval, o saber teológico mostrou-se presente e atuante no desenvolvimento da cultura europeia. Buscou-se incessantemente um permanente diálogo.

A universidade nasceu nos mosteiros e sedes episcopais. As cidades ressurgiram em torno do ambiente eclesial. A Europa presenciou, no coração das cidades, homens e mulheres, professores e alunos, ávidos pelo saber. A Igreja, à luz do Magistério e da Teologia, colocou-se presente neste momento histórico. Parceria positiva e eficaz para o bem do homem do Período Medieval.

O pontificado de Francisco está sendo marcado pelo diálogo: o papa está insistindo para que haja, sobretudo entre os teólogos e as novas gerações, um contínuo escutar das pessoas.

A Igreja em São Paulo tem se mostrado preocupada com a formação teológica dos padres, desde a criação do Seminário Diocesano, em 1856. Atualmente, as orientações do Cardeal Arcebispo, dom Odilo Pedro Scherer, apontam para uma dinamicidade dialogal entre os alunos da PUC de São Paulo e a sociedade.

Igreja e sociedade devem indicar diretrizes firmes e sadias para o homem contemporâneo. Portanto, saber e presença dialogante são fundamentais para a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção inserida na PUC de São Paulo.

## BIBLIOGRAFIA:

COLOMBO, S. Historiador Jacques Le Goff morre aos 90. Folha de São Paulo, E4 Ilustrada, 02 de abril de 2014.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, Decretos e Declarações. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo>



- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- LEVA, J.U. Pluralismo no Brasil do século XIX. Revista de Cultura Teológica, São Paulo, Ano XX, nº 77, p 11-25, jan/mar, 2012.
- LEVA, J.U. A Universidade e o mundo contemporâneo. O Magistério da Igreja e o mundo contemporâneo. Revista de Cultura Teológica, São Paulo, Ano XXII, nº 83, p 215-226, jan/jun, 2014.
- LEVA, J.U. A Teologia católica e a ética no consumo. In Revista espaço ética, São Paulo, Ano I, Nº 1, p 164-169, jan/jun, 2014.
- MARTINS, P. C. M. Modernização e o ensino superior para padres da Província de São Paulo. Último Andar. São Paulo: Educ, (10), jun, 2004, p 43-57.
- PAPA FRANCISCO. Evangelii Gaudium. São Paulo: Paulus-Loyola, 2013.
- PASSOS, João Décio. Teologia e outros saberes. Uma introdução ao pensamento teológico. São Paulo: Paulinas, 2010.
- PRONUNCIAMENTOS DO PAPA FRANCISCO NO BRASIL. São Paulo: Paulus Loyola, 2013.
- SEMANÁRIO DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO 'O SÃO PAULO'. Ano 59, ed. 3003, 20 a 26 de maio de 2014.

---

\* Doutor em História Eclesiástica pela Universidade Gregoriana, Roma. Professor de Teologia na PUC/SP. E-mail: [juleva@pucsp.br](mailto:juleva@pucsp.br)

- <sup>1</sup> LEVA, J.U. A Universidade e o mundo contemporâneo. O Magistério da Igreja e o mundo contemporâneo. Revista de Cultura Teológica. Ano XXII, nº 83, jan/jun, 2014, p 215-226.
- <sup>2</sup> LEVA, J.U. A Teologia Católica e a ética no consumo. In: Revista espaçoética. Ano I, nº 1, jan/abr, 2014.
- <sup>3</sup> COLOMBO, S. Historiador Jacques Le Goff morre aos 90.
- <sup>4</sup> PASSOS. J.D. Teologia e outros saberes: Uma introdução ao pensamento teológico, p 17.
- <sup>5</sup> PASSOS. J.D. p 17.
- <sup>6</sup> PASSOS, J.D. p 55.
- <sup>7</sup> PASSOS, J.D. p 197.
- <sup>8</sup> LG n. 19.
- <sup>9</sup> LG n. 18.
- <sup>10</sup> LG n. 25.
- <sup>11</sup> Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo, p 7.
- <sup>12</sup> Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo, p 8.
- <sup>13</sup> Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo, p 19. (cf. PAULO VI. Discurso aos participantes do Congresso internacional sobre a Teologia do Concílio, 1º de outubro de 1966: AAS 58 (1966) 892s).
- <sup>14</sup> Papa Francisco, p 73.
- <sup>15</sup> Papa Francisco, p 74.
- <sup>16</sup> Papa Francisco, p 53.
- <sup>17</sup> Semanário da Arquidiocese 'O São Paulo'. Ano 59, edº 3003, 20 a 26 de maio de 2014, p 4.
- <sup>18</sup> MARTINS, P.C.M. Modernização e o Ensino Superior para padres da Província de São Paulo. Último Andar. São Paulo: EDUC, (10), jun, 2004, p 43-57.
- <sup>19</sup> MARTINS, P.C.M. p 47.
- <sup>20</sup> LEVA, J.U. Pluralismo no Brasil do século XIX. Revista de Cultura Teológica. Ano XX, nº 77, jan/mar, 2012.
- <sup>21</sup> LEVA, J.U. Pluralismo no Brasil do século XIX, p 19.
- <sup>22</sup> Papa Francisco. Evangelii Gaudium, n. 30.



<sup>23</sup> Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo, p 7.

<sup>24</sup> Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo, p 8.

<sup>25</sup> Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo, p 9.

<sup>26</sup> Dom Odilo Pedro Scherer. O São Paulo. Semanário da Arquidiocese de São Paulo. Ano 58, Edição 2967, 27/08/2013 a 02/09/2013, p 18.

<sup>27</sup> LEVA, J.U. A Universidade e o mundo contemporâneo. O Magistério da Igreja e o mundo contemporâneo. Revista de Cultura Teológica. Ano XXII, nº 83, jan/jun 2014, p 220.